

LITTERATURA

O ALIENISTA

V

O TERROR

(CONTINUAÇÃO)

— A Casa Verde é um carcere privado, disse um medico sem clinica.

Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Carcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguahy, — a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu á captura do pobre Matheus, vinte e tantas pessoas. — duas ou tres de consideração, — foram recolhidas á Casa Verde. O alienista dizia que só eram admittidos os casos pathologicos, mas pouca gente lhe dava credito. Succediam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus monomania do proprio medico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguahy qualquer germen de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e mingua daquella cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o producto diario da imaginação publica.

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, — ou quasi toda, — que algumas semanas antes partira de Itaguahy. O alienista foi recebê-la, com o boticario, o padre Lopes, os vereadores, e varios outros magistrados. O momento em que D. Evarista poz os olhos na pessoa do marido é considerado pelos chronistas de tempo como um dos mais sublimes da historia moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egregias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o illustre Bacamarte; frio como um diagnostico, sem desengonçar por um instante a rigidez scientifica, estendeu os braços á dona, que caiu nelles, e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dous minutos D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos, e o prestito punha-se em marcha.

D. Evarista era a esperança de Itaguahy; contava-se com ella para minorar o flagello da Casa Verde. Dahi as aclamações publicas, a immensa gente que atulhava as ruas, as flammulas, as flôres e damascos ás janellas. Com o braço apoiado no do padre Lopes, — porque o eminente Bacamarte confiára a mulher ao vigario, e acompanhava-os a passo meditativo, — D. Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante. O vigario indagava do Rio de Janeiro, que elle não vira desde o vice-reinado anterior; e D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a cousa mais bella que podia haver no mundo. O Pa-seio Publico estava acabado, um paraíso, onde ella fôra muitas vezes, e a rua das Bellas Noites, o chafariz das Marrecas... Ah! o chafariz das Marrecas! Eram mesmo marrecas, — feitas de metal e despejando agua pela bocca fôra. Uma cousa galantissima. O vigario dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. Se já o era n'outro tempo! Não admira, maior do que Itaguahy, e de mais a mais séde do governo... Mas não se pôde dizer que Itaguahy fosse feio; tinha bellas casas, a casa do Matheus, a Casa Verde...

— A proposito de Casa Verde, disse o padre Lopes escorregando habilmente para o assumpto da occasião, a senhora vem achal-a muito cheia de gente.

— Sim?

— E' verdade. Lá está o Matheus...

— O albardeiro?

— O albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano, e Sicrano, e...

— Tudo isso doudo?

— Ou quasi doudo, obtemperou o padre.

— Mas então?

O vigario derreou os cantos da boca, á maneira de quem não sabe nada, ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que se não pôde repetir a outra pessoa, por falta de texto. D. Evarista achou realmente extraordinario que toda aquella gente ensandecesse um ou outro, vá; mas todos? Entretanto, custava; lhe duvidar; o marido era um sabio, não recolheria ninguem á Casa Verde sem prova evidente de loucura.

— Sem duvida... sem duvida... ia pontuando o vigario.

Tres horas depois, cerca de cincoenta convivas sentavam-se em volta da mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assumpto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metaphoras, amplificações, apologos. Ella era a esposa do novo Hippocrates, a musa da sciencia, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrellas, segundo a versão modesta de Crispim Soares, e dous sóes, no conceito de um vereador. O alienista ouvia essas cousas um tanto enfastiado, mas sem visível impaciencia. Quando muito dizia ao ouvido da mulher, que a rhetorica permittia taes arrojões sem significação. D. Evarista fazia esforços para adherir a esta opinião do marido; mas, ainda descontando tres quartas partes das louvaminhas, ficava muito com que enfunar-lhe a alma. Um dos oradores, por exemplo, Martim Brito, rapaz de vinte e cinco annos, pintalegrete acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos. « Deus, disse elle, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa perola da corôa divina (e o orador arrastava triumphalmente esta phrase de uma ponta a outra da mesa) Deus quiz vencer a Deus, e creou D. Evarista. »

D. Evarista baixou os olhos com exemplar modestia. Duas senhoras, achando a cortezanice excessiva e audaciosa, interrogaram os olhos do dono da casa; e, na verdade, o gesto do alienista pareceu-lhes nublado de suspeitas, de ameaças, e, provavelmente, de sangue. O atrevimento foi grande, pensaram as duas damas. E uma e outra pediam a Deus que removesse qualquer episodio tragico, — ou que o adiasse, ao menos, para o dia seguinte. Sim, que o adiasse. Uma dellas, a mais piedosa, chegou a admittir, comsigo mesma, que D. Evarista não merecia nenhuma desconfiança, tão longe estava de ser attrahente ou bonita. Uma simples agua-morna. Verdade é que, se todos os gostos fossem eguaes, o que seria do amarello? E esta i'eia fel-a fremer outra vez, embora menos; menos, porque o alienista sorria agora para o Martim Brito, e, levantados todos, foi ter com elle e fallou-lhe do discurso. Não lhe negou que era um improviso brilhante, cheio de rasgos magnificos. Seria delle mesmo a ideia relativa ao nascimento de D. Evarista, ou tel-a-hia encon-

trado em algum autor que...? Não, senhor; era delle mesmo; achou-a naquella occasião e parecera-lhe adequada a um arroubo oratorio. De resto, suas ideias eram antes arrojadas do que ternas ou jocosas. Dava para o épico. Uma vez, por exemplo, compôz uma ode á queda do marquez de Pombal, em que dizia que esse ministro era o « dragão asperrimo do Nada, » esmagado pelas « garras vingadoras do Todo »; e assim outras, mais ou menos fôra do commum; gostava das ideias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres...

— Pobre moço! pensou o alienista. E continuou comsigo: — Trata-se de um caso de lesão cerebral; phenomeno sem gravidade, mas digno de estudo...

D. Evarista ficou estupefacta quando soube, tres dias depois, que o Martim Brito fôra alojado na Casa Verde. Um moço que tinha idéas tão bonitas! As duas senhoras attribuiram o acto a ciumes do alienista. Não podia ser outra cousa; realmente a declaração do moço fôra audaciosa de mais.

Ciumes? Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimavel, o Chico das Cambraias, folgazão emerito, o escrivão Fabricio, e ainda outros? O terror accentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doudo. As mulheres, quando os maridos saiam, mandavam accender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem tódos os maridos eram valorosos. alguns não andavam fôra sem um ou dous capangas. Positivamente o terror. Quem podia, emigrava. Um desses fugitivos, chegou a ser preso a duzentos passos da villa. Era um rapaz de trinta annos, amavel, conversado, polido, tão polido que não complimentava alguem sem levar o chapéu ao chão; na rua, acontecia-lhe correr uma distancia de dez a vinte braças para ir apertar a mão a um homem grave, a uma senhora, ás vezes a um menino, como acontecera ao filho do juiz de fôra. Tinha a vocação das cortezias. De resto, devia as boas relações da sociedade, não só aos dotes pessoais, que eram raros, como á nobre tenacidade com que nunca desanimava deante de uma, duas, quatro, seis recusas, caras feias, etc. O que acontecia era que, uma vez entrado n'uma casa, não a deixava mais, nem os da casa o deixavam a elle, tão gracioso era o Gil Bernardes. Pois o Gil Bernardes, apesar de se saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia, que o alienista o trazia de olho; na madrugada seguinte fugiu da villa, mas foi logo apanhado e conduzido á Casa Verde.

— Devemos acabar com isto!

— Não pôde continuar!

— Abaixo a tyrania!

— Despota! violento! Golias!

Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa mas não tardava a hora dos gritos. O terror crescia; avisinhava-se a rebellião. A idéa de uma petição ao governo para que Simão Bacamarte fosse capturado e deportado, andou por algumas cabeças, antes que o barbeiro Porfirio a expendesse na loja, com grandes gestos de indignação. Note-se, — e essa é uma das laudas mais puras desta sombria historia, — note-se que o Porfirio, desde que a Casa Verde começara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela applicação assidua de sanguesugas que dalli lhe pediam: mas o interesse particular, dizia elle, deve ceder ao interesse publico. E acrescentava: — é preciso derrubar o tyranno! Note-se mais que elle soltou esse grito justamente no dia em Simão Bacamarte fizera recolher á Casa Verde um homem que trazia com elle uma demanda, o Coelho,

..... a patria
Da eternidade, só a perde o impio
Garrett.—*Camões.*

Aquelles matos tu sómente, ó morte,
Cujo nome se esquece; e a quem na terra
Fica de todo sepultada a vida.
Antonio Ferreira.—*Castro* (tragedia.)

As formosuras mortaes no primeiro dia agradam, no
segundo enfastiam: são livros que uma vez lidos, não têm
mais que lèr.

Padre Antonio Vieira.—*Sermões.*

As mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor
cresce ou mingua, segundo a estimação que d'ellas fazemos.

D. Francisco Manoel de Mello.—*Carta de guia de casados.*

As paixões do coração humano se reduzem a duas capi-
taes—amôr, e odio.

Padre Antonio Vieira.—*Sermões.*

As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.

Camões.—*Lusiadas.*

..... as minhas flôres
Hão de em grinaldas adornar teu leito
E de grato perfume encher-te a casa.

A. F. de Castilho.—*A Primavera.*

As primaveras da alma, se a aza negra d'uma tormenta
as esfolha, nunca mais reverdeem.

C. Castello Branco.—*O romance d'um homem rico.*

..... as divinas loucuras
Que só sabem dizer as aves e as creanças.
Jayme de Seguiet.—*A Camões.*

A senhora fuiana pena em gloria. Porque verdadeira-
mente parece um novo genero de purgatorio não haver
festa onde a mulher não queira ser presente.

D. F. M. de Mello.—*Carta de guia de casados.*

A sorrir morrem sem magoa
Como um lyrio à beira d'agua.

Teixeira de Mello.—*Sombras e sonhos.*

..... A vida
E' mais difficil, filho, do que a morte

Garrett.—*Camões.*



RECEITAS DA TIA URSULA

Eu tive uma tia, tia Ursula, que se mettu a freira por ter perdido o noivo, um guapo rapaz que servia nas milicias.

Minha tia, com a reclusão, ganhou amor ás gulosinas e aos doces; sabia fazel-os: fazia-os muito bem, posso até dizer que bentamente.

Chamavam-lhe a *freirinha*; e aos doces os *doces da freirinha*, e á fé que nunca jámais os saboreei: tão finos, nem tão deliciosos.

E porque eu de certa vez lh'os gabasse, encostado á parede do palratorio, com a bocca cheia de agua e de gula, ella riu-se, e prometeu-me as receitas.

São estas que eu copio o mais textualmente que me é possível, corrigindo um ou outro erro orthographico e dando-lhe certa fôrma grammatical.

Experimentem as leitoras as receitas da *freirinha*; e, si teem em alguma conta a nossa opinião mandem-nos... o *bôlo inglez*, por exemplo.

A's sovinas, a essas,— bom proveito!

Julião

BOLO INGLEZ

Bate-se 1 libra de manteiga sem sal até ficar em nata; junta-se-lhe 1 libra de assucar, 12 ovos (7 com claras e 5 sem ellas), cravo, canella, tres quartas de farinha de trigo e summo de limão. Bate-se até que fique bem fofo e junte-se um calix de vinho Madeira na occasião de ir para o forno.

PÃO DE LOTH DO CÉO

2 libras de assucar, 1 libra de amendoas sem casca e bem pisadas, 1/2 libra de cidrão bem pisado, e 1 libra de farinha de trigo. Limpa-se o assucar e torna-se ponto de pasta: deitam-se as amendoas, o cidrão, 18 ovos, e vae ao fogo apertar mais o ponto. Depois tira-se e vae-se deitando a farinha; estando grosso, despeja-se em uma fôrma forrada de papel untado de manteiga e vae ao forno para cozinhar como podim.

BOLOS DA GLORIA

3 libras de farinha de trigo, 1 1/2 de manteiga derretida, um pão em massa, 18 ovos, libra e meia de assucar: tudo isto bem ligado e bem amassado para se fazerem os bolos, que irão em bacia para o forno, com farinha por baixo para que fiquem bem torrinhos.

PODIM

2 libras de pó de rosca, ou biscoito, ajunta-se-lhe 1 1/2 quartilho de leite morno, 1/2 libra de manteiga, cravo, noz moscada, canella (quanto tempero), passas, cidrão (quanto baste), tres duzias de ovos, tres libras de assucar e um pouco de malvasia. Deita-se a massa com o biscoito, leite, ovos e assucar, bata-se por espaço de meia hora, e depois de se juntarem os mais temperos vae para o forno em vasilha de folha untada de manteiga.

O grão de calor do forno deve ser forte.

Tia Ursula.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 de Dezembro de 1881.

E' a epocha dos banhos de mar. As nossas praias, tão abandonadas pela camara municipal, começam a coalhar-se de banhistas que cada manhã vão pedir ao mar um pouco de vigor e do bom tom.

Porque o mar tornando-se hygienico, torna-se ao mesmo tempo um chique da moda.

De mais, outros tempos, outras modas, depois da vida estuante dos salões, a vida vivificante ao ar livre do campo e do mar.

O mar tem todos os elementos da vida: tem o poder tonico, a salubre tonicidade espalhada na superficie de suas aguas iodadas, impregnada nos seus sargacões e animalizada na sua f-cunda tribu; tem a força architectonica que fortifica a estrutura ossea curvada, enfraquecida na gomma completa dos seus calcareos; tem a frescura sadia nas suas aguas; tem o calor vivificante, latente, insensível e perfeitamente equilibrado nos corpos gordurentos que encerra; tem a energia bemfazeja no choque continuo das suas vagas; tem no seu movimento constante a ideia da actividade, o amor da vida; e na violencia do seu sopro um que de alegre, vivo e fecundo, salutarmente communicativo da chamma selvagem que parece palpitar n'elle.

A epocha dos banhos de mar é portanto de regeneração. Cansadas, extenuadas, gastas da vida de terra, as nossas mundanas, flôres que começavam a pender no calor das festas, vão revigorar-se, reviver bellas frescas orvalhadas, triumphantes como vemos, das ondas do mar.

Esse bello mar entretanto, bom, largo, immenso, n em sempre foi tão apreciado como hoje.

Os seculos passados detestavam-n'o, a idade-media chamava-o o reino do principe dos vultos, nome que se dava ao diabo.

Russel foi o colombo das suas virtudes, e Victor-Hugo o seu poeta, que o invocou com a sua decima musa.

Hygiene e poesia, portanto!

O mar finalmente tem esta grande vantagem de ser talvez o unico ponto de contacto entre a hygiene e a moda.

O Rio de Janeiro tem a apreciavel virtude de possuir as mais bellas praias. O segredo está em saber escolhelas. Segundo os preceitos dos hygienistas, deve-se começar pelas praias mais calmas como a de Botafogo, passar á do Boqueirão, á do Flamengo a mais limpa, a mais ariada, a mais agitada e que possui o melhor estabelecimento de banhos, o mais claro e o melhor frequentado. Isso enquanto não tivermos a sonhada Copacabana.

Os banhos de mar trazem ainda um excellente exercio: a natação, o prazer favorito do poeta de *Child Harold* que atravessava a Hellesponto como Leandro, sem mesmo a esperança d'uma Hero, na praia opposta.

Ha banhistas que tem a mesma paixão; mas que querem ir muito depressa.

Outro dia, á sua terceira lição, perguntava uma ao seu guia.

— Não é que eu já vou muito bem?
— Certamente, minha Sra., V. Ex. já se sustenta perfeitamente... debaixo d'agua!

Os theatros ainda estão abertos; a companhia da Phenix acaba de montar *Fatinitza*, no Sant'Anna e a do Recreio o drama *Aos ovos de ouro*.

Fatinitza, a opereta ou antes a opera comica de Suppé representada em Vienna, Bruxellas, Paris e Napoles, tem uma musica alegre, bella, attraente, mas um libretto sem grande merecimento.

Não se sabe mesmo a quem pertence o pensamento unico d'essa comedia, que os francezes reclamam para Scribe.

Talvez Scribe declinasse boamente d'essa honra.

Entre nós, o maior successo de *Fatinitza* vem da boa encenação. Os scenarios são bellas, os costumes luxuosos e a caracter. O scenario do primeiro acto sobretudo, um effeito de neve, faz honra ao scenographo e produz a mais agradável impressão, pelas noites quentes que começam.

O desempenho é o que se pode esperar de artistas que cantam sem ter voz e dizem os seus papeis n'uma lingua que elles não sabem fallar. O nosso theatro representa actualmente uma verdadeira torre de babel: no Lucinda, o Sr. Martins falla em francez; no Sant'Anna, a Sra. Delmary falla em portuguez! Ou, como alguém já disse, o Sr. Martins falla francez e a Sra. Delmary portuguez, como o Vasques hespanhol!

Mas, e está ahí o essencial, *Fatinitza* é um successo.

Aos ovos d'ouro...
Decididamente é preciso admirar a imaginação dos nossos traductores.

Numa das minhas chronicas passadas fallei-vc de *Mr. Barbizon* vertido em portuguez por *Venus de do*. Agora é a *Poisarde* de Anicet Bourgeois, que elles traduzem *Aos ovos de ouro*! Um bello dia elles traduzem sogra por mãe, na melhor intenção do mundo...

O codigo não trata d'essas cousas!

Emfim, bem ou mal traduzida, antes mal do que bem, o drama que nos acaba de dar o Recreio Dramático é entredicho sobre um assumpto gasto; o orgulho fófo da nobreza de contrafação opposto á honestidade burqueza.

O nobres são muito ruins, muito orgulhosos, muito cheios de impafia, e, o que é mais, não são nobres, emquanto que a plebe é muito boa, muito honesta e muito santa. A honestidade foi asilar-se no mercado do peixe, onde Magdalena, immaculada peixeira é caloteada pelos nobres que lhe ficam a dever as lagostas e os bijupirás que lhe compram.

Maneira antiga, ga-ta desde 1830.

Um drama porém bem architectado, como aliás todas as peças de Anicet Bourgeois, o autor querido do povo parisiense. Como em todo o drama que se estima, na *Peixeira*—eu traduzo assim—ha uma historia de amor: dois namorados que, atravez de muita peripecia, de muitas scenas, conseguem casar-se.

A companhia dirigida pela Sra. Ismenia dá a este drama, desempenho que se não é brilhante, é geralmente bom. O Sr. Xisto Bahia comprehendeu bem o seu papel, a Sra. Ismenia mostrou-se artista intelligente superando por vezes as muitas difficuldades do seu papel de mãe carinhosa e de peixeira de lingua solta, gesticulando e apostrophando como no seu commercio.

Mais nada de bem extraordinario.

A morte, auxiliada pela cirurgia, continúa a victimar.

Esta ultima semana, fui a ver d'uma das mais estimaveis, das mais espirituosas fluminenses, ultima consolação d'um pae que a adorava. Crucida ha mais de sete annos por um soffrimento quasi constante, resolveu ás instancias d'um celebre operador, correr os riscos d'uma operação.

Digo a instancias, porque um mez antes ainda ella resistia, mas, coitada! a sciencia tentou-a...

— Fui sempre como a mariposa; queimei-me na luz da sciencia, foram as suas ultimas palavras.

Triste sciencia, que allivia os males pondo termo a uma existencia!

Eis-nos com duas exposições rivalizando de interesse: a exposição de Historia do Brasil na Bibliotheca Nacional; e a exposição Industrial na Secretaria do ministerio d'Agricultura.

Diz se que as mulheres e nações felizes não tem historia nem romance.

Pode ser que a maxima seja verdadeira para as mulheres; para as nações, ahí está o Brasil protestando, graças á actividade e ao patriotismo do Dr. Ramiz Galvão que nos tem patente toda a historia patria, na repartição de que elle é a alma.

Não pense a leitora que a exposição de Historia do Brasil seja uma simp'es colleção de in-folios massantes e velhos alfarrabios, não. Ha muito quadro interessante, muita variedade importante, muita galanteria e até modas elegantes penteados graciosos.

Se a leitora subir as escadas da Bibliotheca até a sala Pedro-Segundo verá que tambem no tempo de Dom João VI se tinha bom gosto. Eu recomendo-lhe como primor da arte de pintura, o retrato a oleo da D. Francisca, princeza de Joinville, divinizada pelo pincel de Ary Scheffer, e como apuro de gosto o penteado de D. Amelia, a segunda imperatriz do Brazil, bella, joven, graciosa e viva com os seus olhos azues e os seus bandós levantados d'um encanto adoravel.

Ha ainda...

Mas não, eu teria de repetir o catalogo que é muito longo, e de fallar nas toilettes que irisam uma das gravuras representando da princeza real D. Carolina Leopoldina, d'umas côres duras e d'uns chapêos ainda mais duros.

Com as modas mudam, felizmente!

Uma noticia da exposição de historia do Brasil não caberia de resto no pequeno quadro desta chronica.

Muita concurrencia, segunda-feira, na exposição industrial e algumas toilettes notaveis.

S. M. a Imperatriz trajava um esplendido vestido de seda preta e setim cinzento de pontos negros de grande simplicidade e harmonia.

S. A. a condessa d'Eu, que nos volta mais elegante e com uma physionomia mais fresca e mais prasenteira, tinha um vestido côr de pinhão de linhas de velludo e lar, o fichú de renda e vidrilhos pretos.

A Sra. condessa d'Estrella, de seda côr de folha secca guarnecido de rendas de rata.

De interesse para as leitoras, notarei algumas gouaches, sobressahindo entre ellas um leque que é um primor de bom gosto. Assigna este e outros trabalhos artisticos a Exma. viscondessa de Sistello, uma mundana elegante aliada a uma artista de finissimo talento.

Eu fallei-vos, da vez passada, do novo penteado ultimamente meio-adoptado na Europa; uma renascença do penteado a Ninon.

Agora são os grandes leques a novidade. Os grandes leques de andorinhas esvoaçando sobre um céu roseo ou anilado, tendo no bico a phrase adoptada como divisa por sua proprietaria.

" Em busca da mulher "

era o de Christina da Suecia.

" Invidio, invejo-a "

era adoptado por Mme. de Sevigné, quando separada dos que lhe eram caros.

Hoje se é melancolico.

" Debe are omnes "

é a divisa de uma mundana celebre da grande Babylonia moderna.